

Universidade de Brasília – UnB
Decanato de Ensino de Graduação
Universidade Aberta do Brasil - UAB
Instituto de Artes - IDA
Departamento de Música
Curso de Licenciatura em Música à Distância

**QUE CONHECIMENTOS SÃO NECESSARIOS PARA ATUAR COMO PROFESSOR
EM ESCOLAS LIVRES DE MÚSICA?**

Um estudo em duas escolas de Governador Valadares - MG

Alex de Paula

Ipatinga/MG

2014

ALEX DE PAULA

**QUE CONHECIMENTOS SÃO NECESSARIOS PARA ATUAR COMO PROFESSOR
EM ESCOLAS LIVRES DE MÚSICA?**

Um estudo em duas escolas de Governador Valadares/MG

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito obrigatório para a obtenção do
título de Licenciado em Música na Universidade
de Brasília.

Orientadora: Profa. Dra Vania Malagutti Fialho

Ipatinga/MG

2014

*Ao Mestre Jesus,
E a minha esposa Keila.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado vida e saúde.

A minha esposa Keila por ter me suportado nos momentos difíceis.

Aos colegas que de certa forma me ajudaram nos momentos difíceis do curso.

À minha orientadora, Dr^a Vania Malagutti, que teve muito profissionalismo e capacidade de conduzir-me nesta pesquisa.

Resumo:

Esta pesquisa teve como objetivo investigar quais são os conhecimentos e domínios exigidos pelas escolas livres de música de Governador Valadares/MG para a seleção do corpo docente. Nesse sentido, busquei identificar qual o perfil de professor que as escolas livres de música de Governador Valadares/MG exigem, e quais as estratégias que utilizam para selecioná-los. Para isso, desenvolvi um estudo em duas escolas livres de música: Escola Vida Harmônica e Escola Ritmhar, são tradicionais na cidade, com mais de uma década de atividades. As escolas atendem à uma vasta faixa etária (de crianças à 3ª idade) e oferecem cursos de variados instrumentos como: piano, canto, teclado, violino, violão e outros. Os dados foram coletados a partir de entrevistas semiestruturadas e os resultados apontam que para atuar como professor de música em escolas livres é necessário: ter conhecimentos teóricos e práticos em música, ter autonomia profissional, saber relacionar-se com o outro, e ser responsável e comprometido com a profissão.

Palavras chaves: Escolas livres música, professores de instrumentos, profissionalização docente em música.

Abstract:

This research aimed to investigate what the knowledge are required by the free music schools of Governador Valadares/MG for selecting of the faculty. This way, I try to identify which teacher's profile that the free music schools of Governador Valadares require, and what strategies they use to select them. For this, I developed a study in two free music schools. Harmonious Life School and Ritmbar School, are traditional in this city, with more than a decade of activity. These schools attend to a wide range of ages (from children to seniors) and offer courses of several instruments like: piano, singing, keyboard, violin, guitar and others. The data was collected from interviews semi structured and the results pointed that to act as a music teacher in free schools it's necessary: having theoretical knowledge and practical in music; having professional autonomy; knowing relate to others and being responsible and committed to the profession.

Key words: Free music schools, instruments teachers, teaching professionalization in music.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	8
2. METODOLOGIA	12
2.1 ABORDAGEM QUALITATIVA	12
2.2 COLETA DE DADOS: ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS	12
2.2.1 As entrevistas com a proprietária da escola Vida Harmônica	13
2.2.2 As entrevistas na Escola Ritmhar	15
3. A ESCOLA “VIDA HARMÔNICA”	16
3.1 QUE ESCOLA É ESSA?	16
3.2 FUNCIONAMENTO PEDAGÓGICO DA ESCOLA VIDA HARMÔNICA	17
3.3 O QUE É PRECISO PARA SER PROFESSOR NA ESCOLA VIDA HARMÔNICA? ..	20
4. A ESCOLA “RITMHAR”	Erro! Indicador não definido.
4.1 QUE ESCOLA É ESSA?	23
4.2 FUNCIONAMENTO PEDAGÓGICO DA ESCOLA RITHMAR.....	24
4.3 PROFESSORES DE MÚSICA DA/NA ESCOLA RITMHAR.....	28
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	31
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	34
7. APÊNDICES	37
APÊNDICE A – CARTA DE SESSÃO	37
APÊNDICE B – GUIA DE ENTREVISTA	39

1. INTRODUÇÃO

Meu interesse em estudar música foi despertado quando comecei a frequentar uma igreja a convite de um amigo. Na igreja percebi a carência de instrumentista para tocar durante a celebração, e senti que poderia ser útil nesta função. A partir daí comecei estudar violão. A escolha por esse instrumento se deu pelo fato de ter um custo acessível, permitindo-me adquiri-lo. Após alguns meses de curso comecei a tocar guitarra.

Assim que tive um domínio básico destes instrumentos, comecei a ser autodidata buscando ensinamentos e conteúdos musicais em revistas, livros e aulas práticas de instrumentos online. Ao reconhecer meu envolvimento na área musical, senti a necessidade então de entrar em um conservatório musical para que pudesse aprimorar as habilidades com o instrumento. Com um ano e meio de estudos em um conservatório, ingressei em um curso de licenciatura em música a distância, com o objetivo de capacitar-me mais para o ensino da música. No segundo ano do curso, comecei a dar aulas em uma escola livre de música e com essa experiência surgiu o tema desta pesquisa.

Ao candidatar-me para a vaga de professor de instrumento percebi que algumas habilidades e conhecimentos eram requeridas pela escola. Eram habilidades para além do domínio do instrumento e dos conhecimentos musicais. Havia aspectos relativos ao relacionamento interpessoal e comportamento. A partir dessa constatação interessei-me em estudar sobre a profissionalização em música. Sobre esse assunto, ainda no início dos anos 2000, Paz (2000), já sugeriu que os músicos que queiram se tornar professores busquem métodos que os qualificam para esta função.

Com a intenção de melhor compreender esses aspectos, busquei neste trabalho investigar quais são os conhecimentos exigidos pelas escolas livres de música de Governador Valadares/MG para a seleção do corpo docente. Nesse sentido, busquei identificar qual o perfil de professor que as escolas livres de música exigem, e quais as estratégias que utilizam para selecioná-los.

Para isso, desenvolvi um estudo em duas escolas livres de música, entrevistando as proprietárias das escolas. Essas escolas, Escola Vida Harmônica e Escola

Ritmhar, são tradicionais na cidade, com mais de uma década de atividades. As escolas atendem à uma vasta faixa etária (de crianças à 3ª idade) e oferecem cursos de variados instrumentos como: piano, canto, teclado, violino, violão e outros.

As escolas livres de música são caracterizadas por serem instituições de ensino privado e sem vínculo com redes de ensino público. (FIGUEIREDO, 2012). De acordo com a lei de Diretrizes e bases da Educação nacional – LDBEN, Lei n.º 9394/96, (BRASIL, 1996), estas escolas estão livres do controle de agências do estado ou fundações religiosas. Elas não concedem certificados ou diplomas aceitos pelo Ministério da Educação. Conforme Lima (2003), o ensino das escolas livres de música se encaixa dentro da educação não formal¹.

[...] a educação profissional de nível básico, por se tratar de uma modalidade de educação não formal, permanece à margem do processo de verificação e avaliação governamental, consubstanciando-se em cursos livres de música ou de formação básica que acontecem nas escolas de música não oficializadas [...] (LIMA, 2003, p.82).

As características dos alunos destas escolas são bastante variadas, em no que diz respeito o interesse pela música, situação financeira, faixa etária e nível de aprendizagem musical. Existem nestas escolas alunos que querem apenas tocar as músicas que escutam apenas por lazer, e os que querem estudar música com uma abordagem tradicional lendo partituras. Com isso as escolas livres de música procuram professores que mais deem conta de atender às demandas da escola (SILVA, 2009).

Alguns professores que atuam nestas escolas possuem formação superior, outros não. Alguns escolheram ser professor de música, devido a insistência da família que também são músicos (SILVA, 2009). De acordo ainda com Silva (2009), dentre os conhecimentos tidos como importantes para os professores, independentemente dos cursos de formação, encontra-se o saber ensinar e o saber tocar. As duas são fundamentais para um professor, um profissional completo é o que sabe “tocar bem” seu instrumento e “ensinar bem”.

¹ Educação não formal é aquela que ocorre no mundo, através da interação com o cotidiano, nos momentos em que interagimos com as pessoas e o mundo que nos cercam, neste modelo o aprendizado se dá através de ações coletivas cotidianas. Extraído site professorjonaslandim.blogspot.com.br

O professor de música é autônomo, trabalhando às vezes em mais de um espaço. No senso comum a “legitimação de sua competência docente está ligada diretamente a sua atuação como músico”. (REQUIÃO, 2002, p. 63).

De acordo com Silva (2009) estes profissionais estão ligados juntamente com a jurisdição profissional da Ordem dos Músicos do Brasil (OMB). Mas não há nenhum mecanismo que tenha ligação com as escolas livres de música pela Lei n.º 3857/1960. Esta lei determina somente sobre a atuação do músico. Segundo ela, a Ordem dos Músicos dispõe sobre a regulamentação do exercício da profissão de músico, mantida as atribuições específicas do sindicato, que o músico-professor está vinculado ao sindicato apenas a atuação como músico e não como professor.

A meta de uma escola livre de música é, obviamente ensinar música. Neste ofício ela atende tanto iniciantes quanto pessoas que já dispõem de um conhecimento preliminar em música Silva (2009, p. 68). Alguns profissionais desta área se preocupam em ensinar primeiro a base técnica para que o aluno possa usar na interpretação da música. Louro (2004, p. 125) escreve que é comum o professor de instrumento ter “uma visão centrada no produto”, neste caso, há uma valorização do “estudo da técnica”, que é o trampolim para “chegar ao produto musical, à interpretação”. Dando um verdadeiro valor a interpretação, os professores se destacam dando ênfase aos repertórios que fazem parte da vivência musical do aluno.

O professor de música pode se reconhecer, e ser reconhecido ora como um músico que ensina, ora como um professor que toca ou canta. O professor de instrumento em especial, parece mais próximo desta imagem, pois muitas vezes justapõe a carreira artística com as atividades de docente Vieira (2009, p. 27). Estes profissionais da área da música vêm desenvolvendo mecanismos para que possam melhorar suas atuações como músicos e como docentes.

Investigar sobre os conhecimentos do professor de instrumento se justifica na importância de desenvolver uma maior reflexão sobre a identidade do professor de música, bem como para melhor entendimento das exigências do mercado de trabalho nessa área.

DESENVOLVIMENTO

A pesquisa foi desenvolvida na abordagem qualitativa, e tem como meio investigativo o estudo de caso (MARTINS, 2008). A coleta de dados foi por meio de entrevistas semiestruturadas com as proprietárias das duas escolas livres de música investigadas.

Esta pesquisa está organizada em três capítulos. No primeiro capítulo discorro sobre a metodologia, abordando aspectos teóricos e os procedimentos práticos da realização das entrevistas.

No segundo e terceiro capítulos desenvolvo a análise dos dados provenientes das entrevistas. Neles contextualizo as escolas quanto à sua história e estrutura (física e pedagógica), e foco em quais são as exigências das gestoras ao contratar um professor de música para atuar na instituição.

2. METODOLOGIA

2.1 ABORDAGEM QUALITATIVA

A metodologia desta pesquisa teve uma abordagem qualitativa. De acordo com Freire (2010, p. 14) “essa abordagem de pesquisa privilegia o nível subjetivo e, conseqüentemente, interpretativo da pesquisa”, visando assim uma melhor interpretação e compreensão do sujeito a ser pesquisado.

Hammersley (2000, p. 397) ressalta a importância dos estudos qualitativos na área da educação, afirmando que a pesquisa qualitativa gera valores para que as pessoas possam demonstrar sentido de suas próprias atitudes, no mesmo momento, ela visa refletir a realidade de modo sugerir um “(...) olhar para si mesmo na sua variedade infinita, voltar a atenção para o que realmente acontece e não ao que deveria acontecer” (HAMMERSLEY, 2000, p. 397).

2.2 COLETA DE DADOS: ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

Nessa pesquisa a coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas estruturadas. Essa modalidade de entrevista “aproxima-se mais de uma conversação, focada em um determinado assunto, baseia-se num guia de entrevista adaptável”.

Para Trivinos (1987),” a entrevista semiestruturada, ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece todas as perspectivas possíveis para o informante e a espontaneidade necessária” (TRIVINOS, 1987, p. 146). Isso porque este tipo de entrevista dá uma maior autenticidade a entrevista.

Para as entrevistas elaborei um roteiro (ver Apêndice B), no qual abordei as seguintes partes pedagógicas: sobre a diretora da escola, sobre a escola, sobre a parte pedagógica e sobre o corpo docente. As entrevistas foram gravadas em áudio e posteriormente transcritas.

Com isso procurou registrar não só palavras, mas o tom de voz, comportamento das entrevistadas e o ambiente natural da sala de aula.

2.2.1 As entrevistas com a proprietária da escola Vida Harmônica

A coleta de dados da Escola Vida Harmônica iniciou com uma visita à escola e uma conversa com a diretora para combinar o dia da entrevista, que foi agendada de acordo com sua disponibilidade. Entrevistar a diretora da escola se justificou pelo fato dela ser a pessoa responsável pela contratação do corpo docente da escola.

No dia e horário agendado, cheguei à escola, apertei o interfone para que a secretária atendesse e abrisse o portão para eu entrar. Ao entrar na escola a secretária informou a diretora da escola da minha chegada e ela pediu que esperasse. E em alguns minutos a diretora atendeu-me. Cumprimentei-a e para minha surpresa, fui convidado pela professora Mariana para assistir o final de uma aula de canto. De pronto aceitei ao convite. Acomodei-me discretamente em um dos cantos da sala e assisti à aula.

Esse convite surpreendeu-me porque, como professor de música tenho percebido que não é comum outros professores abrir suas aulas para observações. O fato da professora convidar-me parece estar relacionado tanto a uma condução ética para não fazer-me esperar por ela (considerando que tínhamos agendado um horário), quanto ao fato dela ter uma segurança pedagógico-musical. No decorrer da aula observei em diversos momentos a professora perguntou o que o aluno estava “achando de sua música”, considerando sua opinião e conduzindo ao mesmo tempo, a fazer uma autoanálise de sua performance. Isso me pareceu indicar uma forma de trabalho onde o aluno é colocado no centro da aula.

Após a aula a entrevista foi realizada em uma das salas da escola. Antes de iniciarmos a entrevista expliquei para a entrevistada o motivo e o objetivo geral da minha pesquisa, e em seguida expliquei os pontos que seriam abordados durante a entrevista.

No início da entrevista a diretora pareceu muito nervosa, mas no decorrer pude perceber que ela foi ficando calma. Do mesmo modo, ao iniciar a entrevista também me senti um pouco nervoso e ansioso para saber se iria ocorrer tudo bem durante a entrevista, a medida que a entrevistada ia respondendo, fui acalmando-me. Durante a entrevista pude perceber que

a diretora valoriza muito os professores, porque quando entrou no tema do corpo docente ela respondeu com certo tom de segurança.

A entrevista durou cinquenta minutos. Todo o roteiro da entrevista foi abordado e a entrevistada foi bastante contundente em suas respostas sobre o corpo docente, respondendo às perguntas com clareza e segurança. Ao final da entrevista agradei a colaboração e antes de despedir-me, a professora começou a fazer-me perguntas, invertendo os papéis de entrevistador-entrevistado. Ela perguntou-me se ao concluir a licenciatura eu tinha interesse em ser professor no Ensino Médio. Respondi que não, que minha vontade é atuar em escola específica de música. Ela também pediu o meu número de telefone para que quando surgisse uma vaga de professor, me ligaria se fosse do meu interesse. . Nesse pedido percebi o quanto a professora exerce a função de administração escola, aproveitando a oportunidade para ampliar o contato de uma possível contratação de professor.

Esta entrevista foi transcrita e após uma breve análise, em conjunto com minha orientadora, assinalamos os pontos que mereciam serem aprofundados. Diante disso, retornei à Escola Vida Harmônica para marcar um dia e um horário disponível para a segunda entrevista, apertei o interfone e fui atendido pela proprietária. Pelo interfone mesmo expliquei o porquê de minha estada ali. Mariana perguntou-me “o que deu errado”. Respondi: “nada, apenas tenho que esclarecer alguns pontos da entrevista que não ficaram claros”. Ela foi receptiva e imediatamente agendamos outro horário.

Ao chegar à escola Vida Harmônica no dia e horário marcado toquei o interfone e a secretaria atendeu e autorizou-me a subir. Na recepção, enquanto aguardava, observei novamente o ambiente e constatei o cuidado com a decoração, organização e limpeza da escola.

Ao iniciar a entrevista Mariana pareceu-me um pouco triste, comecei a explicar para ela o motivo pelo qual estava retornando ali, ela entendeu fazendo um sinal de positivo com a cabeça, perguntei se podíamos começar e se estava bem, ela respondeu que sim. A proprietária mostrou-se, como na primeira entrevista, convicta em suas respostas, expressando-se com clareza. Esta entrevista durou cerca de quarenta minutos.

2.2.2 *As entrevistas na Escola Ritmhar*

A coleta de dados da Escola Ritmhar aconteceu em uma de suas salas de aula, no horário e dia marcado pela diretora, Regina, que me recebeu gentilmente. A entrevista foi iniciada com minha explicação sobre os objetivos do trabalho.

Durante a entrevista, Regina mostrou-se bastante confiante em suas respostas. As perguntas que tinha dúvida ela perguntava pedia explicações para uma melhor compreensão e suas respostas foram dadas com calma e clareza. A entrevista durou cerca de uma hora sem intervalo.

Após a transcrição e uma pré-análise da entrevista agendei outro horário para maior aprofundamento de algumas questões, fazendo uma segunda entrevista.

A segunda entrevista foi agendada por telefone e combinamos para um domingo, dia em que ambos tínhamos disponibilidade. Na oportunidade, expliquei o porquê de entrevista-la novamente. A entrevista transcorreu em um clima de colaboração e bom-humor e teve duração de vinte e oito minutos sem intervalo.

3. A ESCOLA “VIDA HARMÔNICA”

3.1 QUE ESCOLA É ESSA?

A Escola “Vida Harmônica” está situada na cidade de Governador Valadares/MG. Na entrada da escola há um interfone para comunicar com a secretaria. As escadas até o andar superior são decoradas com placas com dizeres “Sejam bem vindos” e “A música alegre a alma”. As frases parecem ter o intuito de acolher quem chega.

A escola funciona há mais de uma década no mesmo lugar. De acordo com Mariana, “nesse espaço deve ter uns doze anos, mais *no outro* espaço mais uns quatro, deve ter uns dezesseis a dezoito anos”. Ela contou que antes de ocupar este espaço, ela esteve em outro lugar menor, de acordo com Mariana, “antes de virmos pra este local aqui, a escola funciona bem perto ali da minha casa na rua sete de setembro, mas era uma escola pequena...”. Com a demanda de alunos, Mariana deslocou a escola para um espaço maior.

Na ocasião da pesquisa a escola oferecia aulas de violão, guitarra, contrabaixo, teclado, bateria, piano, flauta e canto, todas ministradas em modalidade individual, com aulas de uma hora. A equipe docente contava com três professores, sendo que Mariana, além de administrar a escola, também atua como professora: “eu sou a proprietária e sou a professora de piano, de teclado, de canto e de flauta doce” (Mariana). Além dos professores, a escola também conta com uma secretária que é responsável pelo atendimento ao público.

A escola, de acordo com Mariana, atende “em torno de setenta alunos” com idades variadas “nós temos crianças de quatro anos até a terceira idade. Nós temos todas as idades”, nas palavras de Mariana.

A estrutura física da escola é composta por cinco salas amplas com instrumentos musicais, cadeiras e ventiladores. Uma delas é acolchoada, específica para a aula de bateria. Além das salas de aula, a escola conta com uma cozinha equipada com geladeira e tange, além de ter também dois banheiros (masculino e feminino).

A escola possui uma decoração cuidadosa, sempre com temas musicais. Na mesa da recepção há objetos relacionados à música e nas paredes das salas há quadros ou instalação com temas musicais, além de fotografias de espetáculos organizados pela escola expostas na recepção.

Para melhor conhecer o funcionamento da escola investiguei sobre como Mariana iniciou o trabalho com música. Segundo ela, após longos anos de trabalho como professora de instrumento, surgiu a ideia de abrir uma escola livre de música. Ela atribui seu interesse pela música ao histórico familiar, afirmando que a música a “influencia desde pequena”.

[...] eu sou filha de pianista e violinista, a família do meu pai toda são instrumentistas são todos músicos nós temos flautista na família, nós temos harpista na família, nós temos violõ celista nós temos outros violonistas é, violinista também como meu pai, então a família toda de músico, realmente a música vem uma influência na minha vida desde pequena (MARIANA).

Com esta intervenção familiar, desde pequena Mariana se envolveu com música e mais tarde fez um curso superior: “eu sou formada em música, eu sou pianista, sou formada em música pela UEMG, fiz pós-graduação no Rio de Janeiro”.

3.2 FUNCIONAMENTO PEDAGÓGICO DA ESCOLA VIDA HARMÔNICA

A escola Vida Harmônica trabalha com abordagens de ensino de música distintas, adequando a metodologia à demanda do aluno. Em outras palavras, o professor se ajusta à necessidade do aluno, não se valendo de uma um método específico para as aulas. De acordo com Mariana,

Vai muito de aluno pra aluno. Por exemplo, tem aluno que chega aqui e quer só cantar hinos evangélicos. Então aí eu tenho que seguir com este aluno os hinos que ele quer. Tem outros alunos que não quer saber nada de igreja, quer música popular, quer música americana, ‘tendeu? Tem outros que querem, por exemplo, só música para se cantar em igreja católica – que é outro estilo [diferente] dos [hinos] evangélicos. Tem outros alunos que não aceitam músicas brasileiras de jeito nenhum, quer só música americana. E tem outros que já querem tudo: já pegam popular, pega a música clássica... Assim sem problema algum (MARIANA).

A escola, portanto, é eclética no que se refere a repertório, ensinado estilos variados como; Jazz, Blues, MPB, Axé, Forró, Sertaneja e Rock, adequando-se ao que o aluno busca aprender de música, para aos poucos ampliar o leque de estilos musicais do aluno. Nas palavras de Mariana:

Normalmente é o próprio professor que vê as condições do aluno e tudo. Com o tempo a gente vai embutindo outras músicas no repertório. Mas realmente a gente começa com o que ele [o aluno] quer, com o que ele tá pretendendo. Mas com o tempo vamos jogando outras coisas pra poder ter o gosto por outras coisas também (MARIANA).

Nesse sentido, é a partir do repertório que o professor ensina conceitos musicais para o aluno. Essa forma de trabalho é defendida por Requião (2002) que afirma que o músico-professor é capacitado para desenvolver maneiras de ensinar que levem o aluno a aprender conceitos musicais independente do repertório escolhido.

Assim, a escola parte do conhecimento e preferência musical de cada aluno, e faz um planejamento de como pode ser ensinado conceitos musicais a partir dessas referências, englobando a teoria com a prática:

[...] por exemplo o violão ele vai, ele começa com a cifras, e ele vai introduzindo a partitura logo em seguida. Eu, por exemplo no piano e no teclado, começo com a partitura e o instrumento, a prática ao mesmo tempo, eu não começo só com partitura, só com parte teórica pra depois pegar a prática. Não. Pra começar a aprender as notas do-ré-mi vamos sentar ao piano, vamos sentar ao teclado, aonde está o do-ré-mi (MARIANA).

Percebe-se que nesta escola inicia o ensino de instrumento através da prática, permeada pelos conceitos teóricos e com a leitura de partitura. Essa forma de ensinar vai ao encontro das tendências contemporâneas em Educação Musical, que defende desde meados do século XX o ensino de música calcado na prática musical².

² A esse respeito ver o livro Pedagogias em Educação Musical organizado por Teresa Mateiro e Beatriz Ilari, publicado pela IBPEX, 2011.

De acordo com Mariana, se tiver só a teoria o aluno não volta mais na escola: “eles conseguem [aprender] tranquilamente se a gente começar a prática com a teórica... porque se for só a teórica, com três aulas eles já correram”. Assim, o professor desenvolve um plano de ensino para cada aluno orientado por Mariana,

Aqui a gente conversa muito, eu os professores. A gente tá sempre batendo papo sobre o que a gente vai fazer, de como está concepção... Pelo o fato de ser uma escola particular específica de música, então os alunos estão aqui porque eles querem estudar, eles querem aprender um instrumento, eles querem cantar, eles já tem uma finalidade: “ah quero montar uma banda”, “eu quero, por exemplo, gravar um CD”. Então é esta concepção aí... porque realmente eles já querem *as coisas todas* (MARIANA).

O professor é responsável pelo aprendizado musical do aluno. De acordo com Mariana, o professor tem autonomia para organizar seu planejamento, desde que atenda às necessidades do aluno e ele faça um trabalho de ensino musical.

No final de cada ano letivo é feita uma reunião para avaliar o trabalho: “nós fazemos reuniões pra ver o que valeu e o que não valeu, o que podemos aproveitar por outro ano, o que podemos deletar jogar fora” (Mariana).

A escola faz uma apresentação musical por ano, reunindo todos os alunos da escola: “todo ano nós fazemos [uma apresentação musical], normalmente em setembro, novembro, este ano vai ser dezembro”. Nas apresentações, além de divulgar o nome da escola é também uma oportunidade de maior integração entre os alunos e professores: “nós montamos banda com os meninos. Então os alunos que são da aula de canto, cantam com a turma que estão na aula de bateria, cantam com a turma de violão tendeu? Nós integramos todo mundo, mesmo... é uma integração” (Mariana).

E a gente está sempre fazendo algum evento aqui pra justamente os alunos se conhecerem então, a semana da criança nós fazemos promoção, coisas aqui entre eles mesmos, entendeu, pra justamente eles se conhecerem e se entrosarem. Mesmo porque para apresentação no final a gente está sempre montando a banda, [...] tem que ter uma integração. E isso é muito bacana, eles trocam muitos vídeos eles trocam muito e-mail: “ah o que você acha dessa música?” Mesmo com os professores: “qual o tom fica melhor pro

fulano tocar? Qual o tom fica melhor pro cicrano cantar?” E vamos tentar entrar num consenso (MARIANA).

As apresentações por sua vez têm momentos de edificação individual para os alunos, mesmo trabalhando em grupos, podem ser trocados experiência entre os alunos, de acordo Silva (2009, p. 185),

As apresentações que a escola produz em geral tem algum tipo de ligação com as aulas, ou seja, as influência delas. Em alguns momentos, a produção dos espetáculos propõe certas músicas que são trabalhadas nas aulas, fazendo com que essas se desenvolvam de acordo com as apresentações (MARIANA).

3.3 O QUE É PRECISO PARA SER PROFESSOR NA ESCOLA VIDA HARMÔNICA?

Como já mencionado, a escola Vida Harmônica possui três professores: “na escola, aqui, nós temos três professores que dão de aulas de bateria, baixo, guitarra e violão, piano e teclado e técnica vocal” (Mariana). Para a entrevistada o professor deve ter habilidades para tocar bem seu instrumento e conhecer sobre leitura e solfejo musical.

Como ele vai ensinar música se ele não é um músico? Como? ... Se você não sabe tocar nada? Acho que tem que tocar instrumento, tem que saber partitura muito bem, ‘tendeu? Porque os alunos... eles testam a gente o tempo todo, ‘tendeu? Eles pedem uma música “aí, oh fulano, toca aqui pra nós”. Tem que saber tocar, com partitura ou de ouvido, tem que ser um excelente instrumentista, tem que ser afinado, tem que saber solfejar, cantar com os nomes das notas, porque o professor acaba sendo um exemplo para o aluno (MARIANA).

Os argumentos trazidos por Mariana são emblemáticos: o professor precisa saber para ensinar e precisa ser um exemplo para seu aluno. A competência do professor está ligada por vários fatores, a sua atuação como docente é que garante bons frutos, em Requião (2002, p. 66) diz; “o saber-fazer comprovado do músico-professor é o que legitima sua atividade docente”.

Na escola Vida harmônica não é exigido formação acadêmica, a proprietária leva em consideração os cursos que o professor fez, as oficinas que já participou e suas habilidades

com o instrumento. Para contratar um professor Mariana entrevista-o e avalia, portanto, seu currículo:

Olha, através do curriculum deles, da experiência deles tendeu? Eu faço uma entrevista com eles, eu peço pra eles tocar aqui pra mim tendeu, pra ver como que é também o tratamento deles com os alunos... com crianças, com adultos, ‘tendeu? Os professores que tenho já são professores antigos. Alguns já trabalhamos juntos há uns dez ou doze anos. A meninada toda gosta, os adultos gostam... Eles tocam muito bem, são excelentes profissionais, estudados também, estão sempre procurando, sempre buscando cursos, estas coisas (MARIANA).

Em uma escola livre de música, o professor vai lidar com várias ideias sobre o que é ensinar e aprender música. Para isso o professor terá que ser eclético e aberto para aos seus gostos musicais e jeitos de ensinar. Com isso a escola livre de música Vida Harmônica, procura conhecer os conhecimentos do professor antes de contratá-lo. Mais do que os diplomas, importa a habilidade prática do professor. Ao contratar Mariana conta: “Eles têm que me mostrar tudo o que sabem, ‘tendeu? Mas falar assim, que eu exijo [formação comprovada], que a gente exige aqui na escola, isso não” (Mariana). Na contratação, Mariana pede, portanto, que o candidato a professor que realize algumas atividades, como tocar algumas músicas e levar o curriculum.

Para a entrevistada conhecer as habilidades do professor e saber como ele reage dando aula é de suma importância para que haja um bom relacionamento do professor com o aluno. O professor é uma peça importante para a escola livre de música, de acordo com (FIGUEREDO, 2012, p.174), “embora os professores não sejam necessariamente controladores por si, muitos tendem a pensar na motivação de seus alunos através de sua própria perspectiva, inferindo na forma de pensar, sentir e agir de seus alunos”, e este incentivo é que faz o aluno permanecer matriculados na escola de música.

Para melhor entender como se dá a contratação, perguntei a Mariana como ela chega aos possíveis candidatos a professor em sua escola. Ela contou que por estar sempre tocando com outros músicos ela vai conhecendo pessoas que potencialmente podem ser professor:

Olha, pelo fato de estar sempre tocando... então estou sempre tendo contatos com músico novos. Aí, por exemplo, estamos precisando de professor de violino... “ah fulano, sei que ele toca muito bem”. ‘Tendeu? Eu sei a quantidade de curso que ele já fez, aí vou e chamo a pessoa pra vir trabalhar aqui conosco (MARIANA).

Parece que Mariana vai fazendo uma lista de pessoas que podem ser colaboradores em sua escola. Isso se confirmou quando, no final da primeira entrevista, ela pediu meu contato e entrevistou-me informalmente. Esse fato mostra como Mariana é hábil na função que exerce, estando sempre atenta às possibilidades que podem contribuir para atender às demandas de sua escola.

4. A ESCOLA “RITMHAR”

4.1 QUE ESCOLA É ESSA?

Situada na cidade de Governador Valadares/MG, a escola “RITMHAR”, possui cerca de 50 alunos, desde crianças até a 3ª idade: “a faixa etária é partir de dois anos e meio até terceira idade...” (Regina). Os alunos apresentam preferências musicais diversas e que são provenientes de classes socioeconômicas privilegiadas (média e alta): “a maioria dos meus alunos são de uma classe socioeconômica mais alta também, média pra alta, eu não sei se é por estar no centro” (Regina).

Os cursos oferecidos pela escola são variados: “hoje tem o piano, o teclado, flauta doce, a transversa, violino, canto e violão. Vai do gosto e a procura de cada aluno” (Regina). Estes cursos podem ser oferecidos em grupo e/ou individuais: “as aulas instrumentais são dos dois tipos. As aulas instrumentais funcionam individualmente ou em grupo. E há a aula de prática de conjunto também”.

A equipe que ministra as aulas é formada por três professores, contando com a proprietária da escola, que acumula a função de diretora e professora: “eu sou a dona da escola, então minha função é de direção e também atuou como professora de piano, e da musicalização infantil” (Regina). A outra professora atende aos alunos de piano, flauta doce, flauta transversa, teclado e violão, e o outro professor é responsável pelas aulas de violino e canto.

A estrutura física da escola é composta por três salas, sendo que duas são conjugadas e a terceira é destinada a acomodar os instrumentos como xilofone e instrumentos de percussão, além de um teclado. Nas salas conjugadas possui um piano, dois teclados, dois violões. Todas as salas chamam atenção pelo cuidado no que se refere à iluminação, ventilação e decoração. As cores e instalações de notas musicais nas paredes indicam a preocupação de Regina em oferecer um ambiente agradável e acolhedor aos alunos da escola.

Na entrevista com Regina perguntei sobre como iniciou seus estudos em música e o que a levou a ter uma escola. Ela contou que teve a ideia de abrir sua própria escola assim que “tomou gosto por ser professora”, em uma escola onde estudava algum tempo. A professora

de Regina, ao perceber sua desenvoltura na música convidou-a para dar aulas de piano. A partir dessa experiência, Regina investiu em cursos e aceitou outros convites para dar aulas, de modo que, mais tarde julgou pertinente abrir sua própria escola de música: “aquela questão de você sair de ser empregado e ter seu próprio negócio”. O fato de a proprietária ter adquirido experiências em outras escolas fez com que já fosse conhecida na cidade, de modo que rapidamente conseguiu se estabilizar em sua própria escola.

A decisão de trabalhar com música a levou a cursar mais de uma graduação em música: “eu tenho bacharelado em Piano, especialização em Educação Musical pela UFMG e atualmente estou fazendo a Licenciatura pela UNB”. Além dos cursos de música Regina também cursou História: “sou formada em História também, mas não exerço esta profissão de História não, só de música mesmo” (Regina).

4.2 FUNCIONAMENTO PEDAGÓGICO DA ESCOLA RITMHAR

Na escola Ritmhar há duas maneiras de abordar o ensino da música. Uma é associada ao programa do Conservatório Brasileiro de Música, do qual Regina é, informalmente, vinculada. Nesse caso, o ensino obedece a um plano de trabalho estabelecido pelo Conservatório, há avaliações semestrais e repertório e estudos definidos. A outra maneira é uma abordagem mais “livre”:

[...] eu trabalho de duas formas aqui na escola, eu ofereço curso livres e eu trabalho com o Conservatório Brasileiro de Música, que é uma outra linha. Então, mas... oitenta... vamos colocar noventa por cento dos alunos da escola fazem cursos livres tá, um curso livre de música. O conservatório é ele já não é o curso livre, ne, os alunos passam por um sistema de prova semestral. Tem um programa a ser cumprido semestralmente, um programa erudito e eu não posso fugir disto (REGINA).

O trabalho com o programa do Conservatório Brasileiro de Música não é divulgado, porque a sua escola não é conveniada com a instituição, porém, sua escola é conhecida na cidade devido a este envolvimento e por atuar já alguns anos no mercado do ensino de música. Pelo fato da escola ter uma parceria com uma instituição conveniada ao conservatório, as pessoas interessadas em aprender música das cidades vizinhas da região de Governador Valadares têm procurado a proprietária devido seu conhecimento e envolvimento

com o conservatório. Ou seja, a escola da proprietária preparam estes alunos, ensinando as praticas no instrumento e depois são encaminhados para a escola conveniada na cidade de Teófilo Otoni, para serem avaliados pela equipe de professores do Conservatório Brasileiro de Música.

[...] eu trabalho com o conservatório apenas com os alunos que me procuram ficam sabendo, como eles ficam sabendo através do conservatório mesmo ou através da escola conveniada e aí eles ligam pra lá, porque atende a região e às vezes estou mais próximo aqui de Conselheiro Pena, Ipatinga, Caratinga (cidades vizinhas) e próximo aqui de Teófilo Otoni... Aí eles me ligam e procuram. Aí quando estes alunos querem fazer o curso do conservatório eu pego estes alunos, quando são alunos mais de fora... (REGINA).

Para os alunos que buscam o Conservatório Brasileiro para aprender música, estes alunos no final do curso saem com um diploma reconhecido pelo MEC. De acordo com (FIGUEREDO, 2002, p. 175), as escolas técnicas têm o direito de expedir e registrar diplomas de técnico com validade nacional. (FIGUEREDO, 2002) também relata que nas possibilidades de temas a serem abordados no curso técnico em música são: a percepção, linguagem, estruturação e estética da música, gêneros e estilos musicais, técnicas específicas do instrumento desejado. Na fala de Regina:

Ele [o aluno], no final do curso tem o diploma dele reconhecido pelo MEC, ele sai como técnico em música tá, no instrumento que ele escolhe. Ele tem que passar por prova do instrumento, provas de teoria ne, quando ele já está no nível mais avançado, que o é o nível técnico que a gente fala... Este aluno tem que fazer as aulas de harmonia, percepção e todos eles, tanto do fundamental e do curso técnico já trabalha prática de conjunto e o coral... que eles têm que apresentar isso... a banca sai do Rio de Janeiro duas vezes por ano ne, no primeiro semestre e no segundo semestre só pra avaliar todos estes alunos que são matriculados no conservatório (REGINA).

Os alunos que escolhem entrar para o conservatório estudam muita música do repertório erudito ocidental. A dinâmica de trabalho com os alunos do conservatório é detalhada:

[...] então da região de Governador Valadares... da cidade e da região, eu pego estes alunos preparo e levo pra Teófilo Otoni. Então é uma linha diferenciada, estes alunos eles tem pouco tempo pra trabalhar o repertório, porque é um repertório bem puxado. Eles têm que dar conta. [...] Então,

assim, tem um programa a ser seguido então, eu tenho esta linha que eu trabalho aqui também e é uma linha mais tradicional (REGINA).

A outra forma de ensino na escola Ritmhar é uma forma mais livre, em que os alunos têm um repertório variado, contemplando o ensino de partitura e conceitos musicais a partir das músicas que fazem parte da preferência do aluno.

O restante dos alunos, que são a maioria dos alunos, eu já trabalho uma prática mais livre. O que que é este livre? Os alunos de instrumentos não tem como fugir da teoria, mas não é aquela teoria tradicional que eu trabalho, entendeu? É... eu procuro fazer bem diferente do que quando eu estudei, aquela coisa maçante, sabe, que a pessoa chega num certo nível e que parar, quer largar, entendeu? Hoje não tenho isto aqui na escola, tem aluno meu que começa com dois anos e meio e ele vai sair daqui só quando está indo pra faculdade, dezessete anos. Então eles ficam dez anos comigo, oito, nove anos, porque piano é um estudo mais demorado. Mas eu trabalho muito com a linha, que você conhece, a educação musical que eu fiz na UFMG (REGINA).

O trabalho com “educação musical” mencionado por Regina refere-se a uma proposta de ensino que considera o estudo da música em uma perspectiva que considera o aluno e que engloba uma prática musical fundamentada em outras experiências musicais. Ela explica:

Eu conheci a teoria de Swanwick³ há seis, sete anos atrás. Então, assim, a teoria dele me fascinou muito, porque penso isso também porque o aluno tem que vivenciar, o aluno tem que experimentar, ele tem que criar pra depois ele tocar. Ele tem que passar por esta vivencia primeiro esta experimentação. Então isto eu trabalho aqui na escola, com todos eles. Eu procuro trabalhar também, de certa, forma com os alunos que fazem conservatório também (REGINA).

Regina acredita que a leitura é importante para o aprendizado desde iniciante. Ela entende que existe a possibilidade do aluno aprender a tocar uma música de ouvido mas, para isso deve haver bastante treinamento. Nas palavras de Requião (2002) é indispensável que o músico seja versátil, porque no momento da atuação pode se deparar com diversos contextos musicais, e tendo um bom conhecimento seja lendo partitura e uma boa percepção isso ajudará ao músico ter uma execução competente. De acordo com Regina:

³ Swanwick (1979) em seu modelo de integração entre atividade conhecido como método T(E)CL(A), a proposta de ensino é trabalhar e desenvolver atividades relacionadas à técnica, (notação musical), execução (cantar e tocar), composição (criar, rearranjo), literatura (história da música, autor) apreciação (reconhecimento de estilo, forma, tonalidade, graus),

Olha, aqui eu já trabalho com a questão da leitura de partitura, porque pra você ler, tocar algum instrumento, você tem que saber ler partitura... [...] eu acho que não existe este negócio de aprender a tocar de ouvido. Não. Isso tudo é trabalhado entendeu, você vai trabalhar isso com o aluno. Eu tenho alunos aqui que eles tiram música de ouvido, mas eles não têm ouvido absoluto, isto foi trabalhado no solfejo, nas aulas de percepção. Mas assim, não tem como fugir da leitura de partitura então eu trabalho com a leitura de partitura sim. Mas os alunos são livres também, eles tiram músicas e... eu tenho alunos aqui que pegam música da internet e tiram sozinhos. Tenho alunos de nove e dez anos que imprimi música... estas músicas que tem aí, mais popular e eles tiram. Outra coisa que eu não posso é o aluno criar em cima da partitura, coisas assim, que eu fui podada (REGINA).

Embora Regina defenda o uso da leitura musical, há uma preocupação para que o ensino da partitura e da teoria não seja uma atividade sofrível para o aluno. Ao contrário, ela faz uso da proposta de Swanwick (1979) conduzindo o aluno para uma vivência prática em música. Nas aulas em grupos e nas apresentações, ocorrem muitas improvisações e trocas de informações entre os alunos, com isso os alunos conseguem adquirir conteúdos musicais para seu aprendizado. Além disso, ela incentiva a criação musical, buscando oferecer aos alunos uma atividade na qual foi “podada”:

Quando era aluna eu não podia criar. Eu tinha que fazer aquilo ali que estava na partitura. Isso aí eu já não importo... seguir aquilo ali, principalmente em música popular o aluno quer criar em cima da peça? Ele pode criar, improvisar... isso aí eu vou dando as orientações. Então, assim, eles [os alunos] sabem ler partitura, eles sabem solfejar, as crianças aqui sabem. Eles pegam clave de sol, clave de fá..., cantam eles têm esta vivência de prática de conjunto igual eu te falei... pra isto você tem que ler partitura. Pra isto tem estas aulas de teoria, porque não dá pra trabalhar a parte teórica e esta parte de apreciação... este conteúdo não dá pra trabalhar na aula prática. É muito pouco tempo. Então, tem a aula prática pra gente tocar, tem a aula teórica, e tem a aula de prática de conjunto, que é momento que eles adoram, porque cada um toca instrumento diferente, eles variam de instrumento tocam o repertório que eles querem entendeu, então assim (REGINA).

Os professores da escola de Regina possuem autonomia na escolha do repertório e na forma de conduzi-lo, considerando as preferências musicais dos alunos:

Eu apresento as músicas pros alunos, eu toco. Se ele gostar e quiser aprender eu tiro pra ele aprender. Ou as vezes o aluno chega aqui: “ah eu quero aprender, ah... Michel Teló”. Eu tenho que ensinar Michel Teló pra ele, entendeu? “Ah, quero aprender Roberto Carlos”. Eu vou ensinar Roberto Carlos pra ele. Às vezes tem aluno que não tem condições de tocar aquela

partitura, às vezes eu vou e facilito a partitura também entendeu? Eu facilito a música pro aluno aprender. Mas assim, este repertório mais... a gente trabalha mais na prática de conjunto... eles tocam de tudo (REGINA).

De acordo com a proprietária o professor de instrumento tem autonomia para escolher o repertório que acredita ser adequado para o aluno. O professor vai ensinar as músicas que o aluno quer aprender, nas palavras de Regina: “professor de violino e seu aluno de violino não tem como eu interferir muito. Primeiro que eu não entendo muito de violino. Então é ele e o aluno que vai resolver. Mas quando envolve grupo ai não, ai entra eu, entendeu?”.

Regina também organiza apresentações musicais, que é uma forma de divulgar o trabalho realizado na escola e mostrar trabalho dos professores com os alunos. Segundo ela, algumas vezes eles convidam músicos “de fora” para essas participações:

Vou dar o exemplo do professor de violino: ele não trabalha aqui na escola só, ele tem projetos na igreja. Na igreja ele tem mais alunos. Então já aconteceu dele convidar alunos da escola pra tocarem algum evento que ele tá fazendo fora, com os alunos da igreja entendeu. Isso ai já aconteceu. Assim como ele já convidou alunos de outros lugares da aula, tipo assim de igreja pra participar de apresentação nossa, aqui entendeu (REGINA).

Nestas apresentações são discutidos os repertórios com cada professor.

É pelo que os alunos gostam e a gente também apresenta músicas pros alunos, olha tem esta música também olha que legal, eu toco, a Savana toca, o Alberto (outro professor) toca entendeu, a gente toca e eles gostam entendeu ninguém faz nada obrigado (REGINA).

A escolha do repertório é essencial para o aprendizado do aluno. Por meio da escolha é também definido o caminho estético que a escola segue: “é a partir da escolha de determinado repertório por parte dos alunos que a escola, por exemplo, dá mais ênfase por um tipo de curso, como os da música popular” Silva (2009, p. 168).

4.3 PROFESSORES DE MÚSICA DA/NA ESCOLA RITMHAR

Esta escola, por ser uma “escola menor”, não há possibilidades em aumentar mais o número de professores devido aos seus horários estarem todos ocupados:

[...] como eu trabalho numa escola, num espaço, hoje, bem menor do que antes, eu não tenho condições de ter mais professores... Mas como o meu foco é o estudo do piano e a musicalização infantil, então hoje eu tenho somente três professores na escola, incluindo eu. Uma professora, ela trabalha comigo ela ajuda, ela me auxilia nas aulas de musicalização - que já é uma forma também dela estar aprendendo, da forma que eu aprendi ela também vai aprender, ela vai pegar esta experiência. Ela trabalha dando as aulas de piano pra as crianças menores também. Ela é formada em violão, tem o curso técnico em violão e da flauta transversa, e do piano também. Ela tirou três cursos técnico, piano, flauta transversa e violão. Então quando aparece aluno de transversa e do violão a gente pega estes alunos. Hoje professor de violino e canto. Mas atualmente não tenho condições de pegar mais professores, primeiro que os horários estão todos fechados (REGINA).

A proprietária acredita que o professor de uma escola de música tem que ser músico para desenvolver um bom trabalho no ensino da música. Para o ensino individual o professor é responsável pela teoria e prática do aluno, mas sempre tendo em conta o que o aluno quer aprender tocar, de acordo com Regina: “a gente trabalha muito com o que o aluno quer tocar, entendeu?”.

Para dar aulas na escola, Regina sempre escola exigiu de um candidato a professor uma formação específica, podendo ser cursos livres e oficinas, mas nunca cobrou uma formação superior. Até porque não existe curso superior na cidade.

Olha, quando eu tinha mais professores eu gostava de ver o curriculum e eu sempre exigi que o professor tivesse uma formação. Eu nunca exigi uma formação de graduação porque Valadares não tinha. Hoje que está uns três a quatro anos pra cá que estão aparecendo professores formados. Um tempo atrás não tinha isso aqui em Valadares. Então era assim: eram professores mesmo que eram músicos... É mais práticos. Eu já tive professores de violino, de sax, eram só músicos práticos e davam [aulas]... Eram conhecidos aqui em Valadares. Então, trabalharam comigo e tal. Mas eu acho que o professor ele tem ser, ele tem que ter é alguma formação pra trabalhar (REGINA).

Porém, segundo ela, para o futuro exigirá um curso superior para os candidatos à vaga: “se fosse hoje pra contratar mais professores com certeza eu exigiria que ele tivesse uma formação, que ele tivesse no mínimo Licenciatura”.

Os professores da escola de Regina tiveram sua formação acompanhada por ela. Ela os contratou da mesma maneira em que foi contratada em seu primeiro emprego: era aluna de uma escola e sua professora chamou-a para ser professora. Assim também fez com seus professores: ensinou-os e os convidou para serem professores em sua escola. De acordo com Regina:

[...] uma das minha professora é ex-aluna minha. Assim, eu tô sempre acompanhando. Outra coisa: eu sempre acompanho os trabalhos dos professores. Isso aí eu não deixo passar. É... é eu vou dar um exemplo: da musicalização infantil que tenho a Silvia formada aqui. Eu sempre trabalho com projeto e planos, quem faz este projeto é ela? Não, quem faz sou eu, eu passo tudo pra ela, como a gente vai trabalhar entendeu, o que a gente vai usar, como vai ser feito, então assim ela mais que me auxilia nas aulas de musicalização, mas eu passo o projeto pra ela, e ela fica ciente do projeto ne, é (REGINA).

Regina, quando possuía uma escola de música maior, havia um número maior de professores trabalhando para ela, ela via que os professores não tinham compromisso e nem responsabilidade.

Como eu tenho esta preocupação com compromisso e responsabilidade... isso eu acho que era um ponto que eu ia pegar mais pesado, nisso aí. É uma coisa que ía contar bastante também. Porque eu acho que o professor tem que ter compromisso e responsabilidade não só com a escola, mas com o aluno também (REGINA).

De acordo com os relatos de Regina, a falta de compromisso e responsabilidade dos professores resultou em uma diminuição de professores em sua escola, porque o aluno chegava lá pra fazer aula com o professor, mas o professor não havia chegado e também não avisava que ia se atrasar. Com isso ela estava com o “nome da escola em jogo”, porque ela que era a proprietária e não o professor. O comprometimento, a seriedade e o respeito do professor são valores que fazem um diferencial para a escola. (SILVA, 2009, p. 79), escreve que na escola livre de música “a seriedade se evidencia quando os horários dos alunos são respeitados e quando os professores, em caso de faltas, podem ser substituídos de maneira que as aulas tenham uma continuidade”.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa buscou investigar quais os conhecimentos exigidos do professor de música em duas escolas livres de Governador Valadares/MG. Por escolas livres de música entendeu-se estabelecimentos que se destinam para ensinar música.

Para orientar o assunto desta pesquisa foi abordado alguns assuntos relacionados as escolas entrevistadas, para conhecer um pouco mais das instituições que fizeram parte da pesquisa. A pesquisa teve uma abordagem qualitativa e a coleta de dados foi feita por meio de entrevista semiestruturada com as proprietárias das escolas.

Ambas as escolas são tradicionais na cidade e foram selecionadas por terem um trabalho reconhecido e sólido no ensino da música na região de Governador Valadares. Os cursos que estas escolas oferecem vão de iniciação musical infantil até a preparação para a entrada de um conservatório ou até mesmo para a entrada em um curso superior.

Estas escolas possuem métodos e pedagogias distintas para o ensino da música, a escola da proprietária Regina, usa a proposta de Swanwick, privilegiando a criação musical, a execução e a apreciação. Ela considera ainda as preferências musicais do aluno.

Na escola de Mariana, há uma ênfase na prática, juntamente com cifras, porque se ensinar teoria o aluno “não volta mais na escola”.

Em ambas as escolas o professor de instrumento tem autonomia para definir, junto com o aluno o repertório a ser trabalhado. É o professor que vai decidir o grau de dificuldade e o desenvolvimento do ensino de cada aluno.

Ambas as entrevistadas afirmaram que o professor de instrumento tem que ser músicos. Isto é, precisa ter domínio técnico e performático de seu instrumento. Os professores destas escolas têm formações variadas: cursos superiores, cursos técnicos, cursos livres e

oficinas. Muitos deles fazem trabalhos rotineiros fora da escola, atuam como músicos e até mesmo como professores particulares.

As proprietárias não exigem que o professor tenha curso superior em música. Isso porque na cidade não tem essa formação a ser ofertada. Na escola Vida Harmônica, Mariana pontua que o candidato à vaga de professor em sua escola tem que tocar, mostrar como ele se comporta dando uma aula, e apresentar referências e curriculum.

Regina destacou que além das habilidades musicais, o professor de música precisa ter “compromisso e responsabilidade”. Esse é um aspecto que ela privilegia e isso tem sido o diferencial de sua escola, dando-lhe um destaque de sua escola na cidade.

As proprietárias buscaram se qualificar fazendo cursos superiores em música. De acordo com Mariana, seus pais eram músicos, os pais dos seus pais também. Já Regina, começou estudando em uma escola, logo em seguida sua professora que também era a proprietária chamou-a para trabalhar com ela, com isso ela se engajou no trabalho com música e sentiu a necessidade de investir em sua formação musical, ingressando no curso superior.

Ambas as escolas investigadas desempenham uma função importante na cidade, sendo responsáveis pelo ensino de música.

Contudo, esta pesquisa, pela sua pouca envergadura, não aprofunda a temática abordada, porém abre portas para outras investigações. Em uma pequena mais aprofundada poderia contemplar, por exemplo, que habilidades e conhecimentos são necessárias para manter um aluno na escola e outras. Para isso, pesquisas com mais escolas e também professores podem ser produtivas e contribuir para o avanço da profissionalização do professor de música.

Ao chegar ao fim deste trabalho registro que tive um crescimento como professor-pesquisador. Por meio da pesquisa consegui melhor entender como se é conduzida uma pesquisa de campo, e aprimorar as “leituras” do que vejo e do que ouço. Compreendi a diferença entre estar em um espaço como pesquisador e não pesquisador. Ou seja, ao estar no papel de pesquisador o olhar investigativo revela muito do que não é enxergado sem estas lentes. Com isso, meu lado como professor, ficou mais edificado, porque ele se revestiu de um conhecimento que é específico do professor-pesquisador. Isso despertou o desejo de construir metas acadêmicas e de seguir estudando. Nasceu em mim a vontade de continuar

buscando e produzindo mais conhecimentos. Enfim, este trabalho me proporcionou mais seriedade e comprometimento que orientam no ensino da música e na prática do ensino do instrumento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOURO. Ana Lúcia de Marques. *Ser docente universitário-professor de música: dialogando sobre identidades profissionais com professores de instrumento*. Porto Alegre 2004.

BRASIL. LDBEN nº 9694/96. Decreto 2208 que regulamente o § 2º do art. 36 e os arts.39 e 42 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Revogado pelo decreto 5154, de 2004. Brasília, DF, 17 abr. 1997. Disponível em: <https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/d2208.htm. Acesso em: 28 set.2014.

BRASIL. Lei nº 3857, de 22 de dezembro de 1960, cria a Ordem dos Músicos do Brasil e dispõe sobre a regulamentação do exercício da profissão de músico, e dá outras providencias. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 23 dez. 1960. Disponível em: <http://www.dataprev.gov.br/sislex/paginas/42/1960/3857.htm>. Acesso em: 30 de set. de 2014.

CHIARELLI, Lígia K. M. EEBPAPG; SIEBERT, Emanuele C. FURB. A educação musical em uma escola livre de música. 2009. Disponível em: <http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2490_1365.pdf>. Acesso em: 22/05/2014.

FREIRE, Vanda Bellard. *Horizontes da Pesquisa em Música*. Rio de Janeiro: 2010.

GIL, Antônio Carlos. *Como elaborar Projetos de Pesquisa*. 5ª. Edição. São Paulo: Atlas, 2010.

GOSS, Luciana. A formação do professor para a escola livre de música. Florianópolis. 2009. Disponível em: <http://www.tede.udesc.br/tde_busca/arquivo.php?codArquivo=1821>. Acesso em: 22/05/2014.

PAZ, Ermelinda A. *Pedagogia Musical Brasileira no Século XX: metodologias e tendencias*. Brasília: MusiMed, 2000.

SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María Del Pilar Baptista. *Metodologia de Pesquisa*. 5ª. Edição Porto Alegre, RS: Editora Penso, 2013.

FIGUEREDO, Edson. Escolas de música e o estilo motivacional de professores de instrumento: um campo para pesquisa. Revista da ABEM Sul, Montenegro, n. 15, 173-178, mai. 2012. Disponível em: <<https://docs.google.com/file/d/0B1eytKjE7JnOWFJRcU82eGV0eems/edit>>

REQUIÃO, Luciana Pires de Sá. Saberes e competências no âmbito das escolas de música alternativas: a atividade docente do músico-professor na formação profissional do músico. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, V. 7, 59-67, set. 2002.

LIMA, Sonia Regina Albano de A Resolução CNE/CEB 04/99 e os Cursos Técnicos de Música na Cidade de S. P. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n. 8, p.81-86, mar. 2003.

SILVA, Elisa da e Cunha. *Compreender a escola de música como uma instituição: um estudo de caso em Porto Alegre - RS*. Porto Alegre. 2009.

HAMMERSLEY, Martyn. The Relevance of Qualitative Research. *Oxford Review of Education*, Dorchester on Thames, v. n. 26, n. ¾ sep./dec. 2000.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Tradução Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

SCOTT, David; USHER, Robin. *Research in Education: data, methods and theory in education enquiry*. London: Cassell, 1999.

SWANWICK, Keith. *Permanecendo fiel a música na educação musical*.1979. Trad. Diana Santiago. In: Encontro Anual da ABEM 2, 1993, Porto Alegre. Anais... Porto Alegre: ABEM, 1993. P. 19-32.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. *Parecer nº. 17/97*. Estabelece as diretrizes operacionais para a educação profissional em nível nacional. Relator: Fábio Luiz Marinho Aidar. Brasília, 3 de dezembro de 1997.

SILVA, Walênia M. Escola de música alternativa: sua dinâmica e seus alunos. *Revista da Abem*, Porto Alegre n. 03, p.51-64, jun. 1996.

MARTINS, Heloiza Helena Teixeira de Souza. *Metodologia Qualitativa de Pesquisa*. Educação e Pesquisa, São Paulo, v. 30, n. 2, p. 289-300, maio/ago, 2004.

VIEIRA, Alexandre. *Professores de violão e seus métodos de ser e agir na profissão: um estudo sobre culturas profissionais no campo da música*. Porto Alegre 2009.

TRIVINOS, Augusto Nivaldo Silva. *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas, 1987.

SITES:

CONCEITO DE ESCOLA.

<<http://conceito.de/escola>>. Acesso em 22 de junho de 2014.

LANDIM, Jonas. Educação Não Formal.

<http://professorjonaslandim.blogspot.com.br/2011/10/o-que-e-educacao-forma-informal-e-nao.html>. Acesso em 06 de dezembro de 2014.

SANTOS, Mario. Características da entrevista semiestruturada.

<<http://mariosantos700904.blogspot.com.br/2008/05/caractersticas-da-entrevista-semi.html>>Acesso em 28 de setembro de 2014).

SANTANA, Ana Lucia. Música Erudita.

<<http://www.infoescola.com/artes/musica-erudita/>>. Acesso em 17 de outubro de 2014.

SIGNIFICADOS. O QUE É MÚSICA.

<<http://www.significados.com.br/musica/>>. Acesso em 22 de junho de 2014.

APÊNDICES

APÊNDICE A – CARTA DE SESSÃO

CARTA DE CESSÃO DE DIREITOS SOBRE ENTREVISTAS E DEPOIMENTOS, IMAGENS E ÁUDIO

Eu, _____, RG

_____ declaro para os devidos fins que cedo

os direitos sobre minha entrevista realizada em ____/____/____ para o pesquisador _____, matrícula _____

estudante do curso de Licenciatura em Música a Distância da Universidade de Brasília (UnB).

Essa entrevista é parte da coleta de dados da pesquisa intitulada _____

_____, cujo objetivo geral é investigar as interações _____.

Cedo os direitos da participação nesse trabalho, sendo essa de caráter voluntário e não remunerado. Estou ciente de que os dados poderão ser utilizados integralmente ou em partes, sem condições restritivas de prazos ou citações, a partir dessa data, para divulgação dos resultados da pesquisa em publicações e/ou eventos acadêmicos e científicos. Essas informações ficarão sobre o controle e a cargo do pesquisador e professor orientador Vânia A. Malagutti da Silva Fialho.

Fui informado também que essa entrevista foi gravada em áudio e/ou vídeo e que o material foi registrado com fins científicos. Esses dados serão posteriormente transcritos e analisados, sendo que o vídeo e/ou áudio não será utilizado na divulgação dos resultados da pesquisa ou em nenhuma outra situação.

Em relação ao uso de citações, autorizo explicitar minha identidade de acordo com uma das opções escolhidas por mim entre as abaixo indicadas (assinaladas com X), desde que sejam seguidos os princípios éticos da pesquisa acadêmico-científica.

	Identidade utilizando meu nome e sobrenome
	Identidade utilizando apenas meu primeiro nome
	Identidade preservada utilizando nome fictício escolhido por mim
	Outra indicada por mim

Em caso de qualquer outro esclarecimento, estou ciente que o pesquisador fica a disposição, podendo ser contatado pelo e-mail _____, telefone _____ ou através do contato com a professora supervisora da disciplina, Profa. Cassiana Zamith Vilela pelo e-mail (cassianazamith@gmail.com).

Sem mais, informo ter ficado com uma cópia desse documento.

Assinatura do Participante da Pesquisa

APÊNDICE B – GUIA DE ENTREVISTA

ENTREVISTA 1

Dados pessoais

Escola:

Nome do entrevistado:

Idade:

Função na escola:

Data da entrevista:

Horário:

Local da entrevista:

Tempo de duração:

Meio de gravação:

Data da transcrição:

1. Sobre a/o diretor/a escola

1.1 Fale sobre sua formação. Você tem alguma formação na área da música? Se sim, qual?

1.2 Qual/quais sua/s função/ões na escola? Fale sobre elas.

1.3 Quanto tempo trabalha nessa escola? E já trabalhou em outras antes?

2. Sobre a escola

2.1 Fale sobre o histórico da escola (há quanto tempo existe, como começou).

2.2 Comente sobre a estrutura física da escola.

2.3 Quais os cursos oferecidos pela escola? Como são oferecidos?

2.4 A escola faz divulgação de seus serviços? Se sim, como? Onde?

2.5 Quantos alunos a escola atende? Qual as faixas etárias atendidas?

3. Sobre a parte pedagógica da escola

3.1 A escola tem uma filosofia de ensino? Se sim, qual?

3.2 Quem planeja e quem coordena a parte pedagógica dos cursos?

3.3 Como os professores ensinam música? Lendo partitura? Tiram de ouvido a música?

3.4 Como você vê o ensino da música na escola?

3.5 Como é feita a escolha do repertório dos cursos? Quem faz?

4. Sobre o corpo docente

4.1 Quantos professores a escola têm? (Ou precisa ter)

4.2 Como é feita a contratação do corpo docente da escola de música? É feita através de curriculum, indicação ou através de provas?

4.3 É exigido alguma formação acadêmica para a contratação dos professores?

4.4 Que tipo de corpo docente buscam?

4.5 O corpo docente tem que ser músico para dar aula de música?

4.6 Como o corpo docente desenvolve o trabalho na escola de música?

4.7 Como é desenvolvida a concepção de ensino pelo docente?

4.8 Qual a autonomia pedagógica do professor? (Ele pode sugerir outros modelos de aula, se julgar necessário?)

4.9 O professor realiza algum evento musical fora da escola para divulgar o aprendizado dos alunos? Qual?

ENTREVISTA 2

ESCOLA: RITMHAR

Foi em que ano, você lembra?

Como é que você passou de aluna a professor?

E era exigido alguma coisa?

E estes alunos já tinham feito um curso técnico?

E na outra escola?

Era mais educação musical?

E como foi sua contratação nesta escola?

Tudo isso em torno de 1995?

Você também disse na primeira entrevista que trabalhava numa escola que era maior do que está sua primeira escola, eu quero saber o que levou você sair deste espaço maior e vir pro menor, como eram os professores e o que levou a mudar?

E por falar em contratação de professores, como foi a contratação do professor de violino? E da Silvia?

O Atos (professor de violino), é daquele mesmo processo que teve que encaminhar ele para a escola de Teófilo Otoni e fazer a prova?

Além da licenciatura o que mais iria avaliar o professor antes de contrata-lo?

Verdade Renata, você disse que gosta e se identificou muito de Swanwick, e também que você usa muito um pouco de cada método. Gostaria que você dissesse quais os outros?

Em que ano isso Regina?

O Call Off ele trabalha você usa o que?

ENTREVISTA 2

ESCOLA: VIDA HARMÔNICA

Em que ano se formou? A pós-graduação foi em que ano?

Como começou a dar aulas de cada uma dessas especialidades? Onde estudou?

Já trabalhou em outro espaço? Onde? Como conte um pouco mais sobre isso.

Como foi contratada nesses espaços?

E como foi trabalhar nesta escola?

Aqui, esta escola é sede própria ou locada?

Como surgiu a oferta de cada instrumento? Foram alunos que procuravam?

Professores que se ofereciam para dar aula? Como foi isso?

Qual a formação de cada professor? Como e quando eles começaram a atuar na escola?

Se você fosse contratar um professor hoje, quais seriam os critérios de contratação?

No mercado de trabalho de modo geral, se exige criatividade, autonomia, versatilidade como é isso para a escola de música?

Os professores precisam ter experiências em tocar na noite ou em bar, para ser um bom professor?

Os cursos nas universidades já é o bastante para a formação do professor ou ele precisa de algo mais?

